

# *A Variável Sexo/Gênero e o Uso de Tu/Você no Sul do Brasil*

SEX/GENDER VARIABLE AND THE USE OF *TU/VOCÊ* IN SOUTHERN BRAZIL

Lucelene Teresinha **FRANCESCHINI** \*

Loremi **LOREGIAN-PENKAL** \*\*

**Resumo:** O presente estudo tem por objetivo traçar uma análise comparativa da influência da variável sexo/gênero no uso dos pronomes *tu/você* em cinco cidades catarinenses (Florianópolis, Blumenau, Lages, Chapecó e Concórdia) e em quatro cidades gaúchas (Porto Alegre, Panambi, São Borja e Flores da Cunha). Os dados de Concórdia foram retomados de Franceschini (2011) e os das demais cidades de Loregian-Penkhal (2004). As pesquisas foram efetuadas a partir de uma amostra de 24 informantes de cada cidade, distribuídos por sexo/gênero, duas faixas etárias e três níveis de escolaridade. Para a análise estatística dos dados coletados foi utilizado o pacote de programas VARBRUL (PINTZUK, 1988). Os resultados apontam, em linhas gerais, as mulheres como favorecedoras do pronome canônico *tu*; entretanto, a correlação do sexo/gênero com a faixa etária e a escolaridade dos falantes aponta as mulheres mais jovens e com ensino médio rumo a um maior uso do pronome inovador *você*, assim como os homens da amostra.

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Tu/Você. Sexo/Gênero.

---

\* Doutora em Letras/Sociolinguística pela Universidade Federal do Paraná (2011). Pós-doutoranda em Linguística Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO (PNPD/CAPE), Guarapuava-PR. Contato: lucelenetf@gmail.com.

\*\* Doutora em Letras/Sociolinguística pela Universidade Federal do Paraná (2004). Pós-doutorado na UFPR/CNPq (2012). Docente na Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO, campi de Irati e Guarapuava. Contato: loremi.loregian@gmail.com.

**Abstract:** The present study aimed to draw a comparative analysis of the influence of the sex/gender variable in the use of pronouns *tu/você* in five cities (Florianópolis, Blumenau, Lages, Chapeco and Concordia) in the State of Santa Catarina and four cities (Porto Alegre, Panambi, San Borja and Flores da Cunha) in the State of Rio Grande do Sul. Data about Concordia were resumed from Franceschini (2011); data about the other cities were resumed from Loregian-Penkal (2004). Surveys were conducted considering a sample of 24 respondents from each city, divided by sex/gender, two age groups and three education levels. The VARBRUL (PINTZUK, 1988) program package was used for statistical data analysis. Results show, in general, women as supporters of the canonical pronoun *tu*; however, the correlation between speakers' sex/gender, age and schooling pointed the younger and middle school women toward greater use of innovative pronoun *você* as well as men in the sample.

**Keywords:** Sociolinguistics. *Tu/Você*. Sex/Gender.

## Palavras Iniciais

A análise dos pronomes pessoais é objeto de estudo e interesse de muitos linguistas, mas este interesse baseia-se não somente na variação pronominal em si, como também nas várias mudanças provocadas pela inserção e uso de pronomes como *você(s)* e *a gente* no português do Brasil.

Em relação às formas pronominais *tu/você*, de modo geral, as gramáticas normativas brasileiras registram o *tu* como pronome pessoal do caso reto de segunda pessoa do singular e o pronome *você* como forma de tratamento. Cunha e Cintra (2001, p. 289), por exemplo, classificam o *você* como pronome de tratamento, pois, segundo eles, embora designe a pessoa a quem se fala (ou seja, 2.<sup>a</sup> pessoa), esse pronome é usado com o verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa. No que se refere ao uso dos pronomes *tu* e *você*, os autores afirmam:

No português do Brasil, o uso de *tu* restringe-se ao extremo Sul do país e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados. Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído

por *você* como forma de intimidade. *Você* também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior. (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 292).

Menon (1995, p. 92), referindo-se à variação pronominal *tu/você* no Brasil, menciona que “embora o uso de *você* seja uma realidade na maior parte do Brasil, ainda subsistem áreas, mais ou menos definidas, onde a vitalidade do uso do *tu* é característica do(s) dialeto(s)”. Analisando a inserção de *você/vocês* no português, a autora complementa:

No singular continua a haver a co-ocorrência e a concorrência das formas *tu/você* com (o senso comum indica e os estudos comprovam) uma nítida predominância no uso do *você*, salvo em algumas regiões do país. Mas mesmo nessas regiões (Santa Catarina, Rio Grande do Sul, algumas áreas do Norte e do Nordeste, ainda não bem delimitadas), pode-se observar um fenômeno interessante do ponto de vista da variação lingüística: há casos de uso do pronome *tu* seguido do verbo *sem a marca de segunda pessoa*. (MENON, 1995, p. 96).

Segundo Menon (1995), em função da modificação do paradigma dos pronomes pessoais sujeito, a língua portuguesa passa a ter uma reestruturação no seu paradigma verbal, em que a segunda pessoa do singular passa a ter duas formas (-s para *tu* e  $\emptyset$  para *você*), de acordo com o pronome pessoal que o falante utiliza. A autora destaca, porém, que tal afirmação só seria verdadeira se não se considerasse o emprego do pronome *tu* seguido de forma verbal com morfema  $\emptyset$ , que é descrito por alguns autores de gramáticas como desvio “ultrajante” da língua portuguesa. Para Menon (1995, p. 97), essa variação pode ser explicada de outra maneira:

A minha hipótese é a de que os falantes “interiorizam” a forma verbal com morfema  $\emptyset$  como marca de segunda pessoa e a variação recai simplesmente no uso do pronome. Assim, no paradigma verbal já teria havido a mudança de forma e a variação continuaria a existir a nível de escolha – determinada pelo dialeto que o falante utiliza – entre dois pronomes possíveis: *tu* ou *você*.

A autora diz que essa hipótese é reforçada pela utilização, mesmo por falantes onde *tu* é a forma preferida no singular, da forma plural *vocês*. Como não há mais diferença formal entre a segunda e a terceira pessoa, do singular e do plural, Menon (1995) acredita que essa ambiguidade estaria sendo compensada pelo uso cada vez maior de pronomes sujeito expressos.

Apesar de muitas afirmações generalizantes sobre o uso dos pronomes de 2.<sup>a</sup> pessoa do singular no PB, Menon (2000) remarca que se pode perceber, através de pesquisas realizadas sobre os pronomes *tu/você*, uma grande diversidade no uso desses pronomes, não somente de uma região para outra como também, muitas vezes, na mesma região, ou em localidades bastante próximas.

Sabe-se que a alternância *tu/você* já não é mais observada em todas as variantes do português do Brasil (PB). Conforme dados do NURC (Projeto da Norma Urbana Oral Culta), em São Paulo apenas o *você* faz parte do sistema pronominal dos falantes, o que também já foi atestado no falar de Belo Horizonte (cf. RAMOS, J., 1997) e no de Curitiba (cf. LOREGIAN, 1996). Apesar desse processo de mudança ter sido verificado nesses e em outros falares do PB, Menon (2000, p. 125) questiona a afirmação de que o *você* teria substituído o *tu* na maior parte do Brasil e, também, a de que o *tu/você* constituem uma variável no PB, já que em alguns dialetos somente uma das formas ocorre, como mencionado anteriormente. Segundo essa autora, o fato de não dispormos suficientemente de levantamentos e de estudos sincrônicos de várias épocas do PB não permite afirmar que uma forma tenha substituído a outra, já que para isso teríamos que comprovar que as duas formas coexistiram em um período anterior ao atual.

Na *Gramática de usos do português*, Neves (2000), ao tratar dos pronomes de 2.<sup>a</sup> pessoa do singular no PB, menciona o predomínio no emprego de *você*, forma que estaria muito mais difundida para referência ao interlocutor. Além disso, a autora salienta que “ocorre frequentemente (embora mais especialmente na língua falada), o uso de formas de segunda pessoa em enunciados em que se emprega o tratamento *você*, de tal modo que se misturam formas de referência pessoal de segunda e de terceira pessoa” (NEVES, 2000, p. 458).

Lopes e Duarte (2003), assim como os demais autores citados, destacam que o pronome *você* já está perfeitamente integrado ao sistema de

pronomes pessoais, substituindo o *tu* em grande parte do território nacional ou convivendo com este pronome sem que o verbo traga a marca distintiva da segunda pessoa direta. Contudo, as autoras lembram que a variação pronominal *tu / você* no Brasil é uma questão bastante complexa, como já revelaram vários estudos.

Considerando as pesquisas que contemplaremos em nossa análise, apresentamos aqui os estudos de Loregian-Penkal (2004) e Franceschini (2011).

Na região Sul, Loregian-Penkal (2004) analisou em dados do Projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul) a alternância pronominal *tu/você* e a concordância verbal com o *tu* nas três capitais e mais em três cidades do interior de Santa Catarina (SC) e do Rio Grande do Sul (RS). Em relação às capitais, seus resultados mostraram a ausência de *tu* em Curitiba, e um resultado interessante nas outras duas cidades: em Florianópolis, *tu* é menos frequente que *você*, mas tende a aparecer mais com a flexão verbal marcada, enquanto em Porto Alegre *tu* é mais frequente, mas a flexão verbal é mais rara.

Já Franceschini (2011) analisou 24 entrevistas por ela coletadas (nos moldes do VARSUL) na cidade de Concórdia-SC. O objetivo central da pesquisa foi descrever e analisar a variação pronominal *nós/a gente* e *tu/você* no falar de Concórdia e, posteriormente, comparar esses resultados, a fim de verificar se as tendências dessas duas variáveis são as mesmas no falar dessa comunidade. Quanto à variável *tu/você*, também foi feita uma análise<sup>1</sup> de atitude e comportamento linguístico dos falantes da amostra. Em relação à flexão verbal, verificou-se que, nos dados de Concórdia (SC), os verbos apresentam-se em todas as ocorrências sem a marca de 2.<sup>a</sup> pessoa, ou com morfema Ø, isto é, não há variação nas formas verbais empregadas. Percebe-se, então, que as desinências verbais na fala dessa comunidade não definem o sujeito, criando uma maior necessidade de explicitá-lo.

Neste texto vamos, então, retomar e discutir o papel da variável sexo/gênero no tocante à escolha de *tu* ou *você* em falantes analisados por Loregian-Penkal (2004) e por Franceschini (2011), em dados do sul do Brasil.

---

<sup>1</sup> Conforme Franceschini e Loregian-Penkal, em preparo.

## 1 A Variável Sexo/Gênero

Diversos estudos já demonstraram a influência do fator sexo na escolha das formas linguísticas utilizadas por homens e mulheres. Labov (2008) destaca em especial a pesquisa de Gauchat (1905), considerada a precursora dos estudos sociolinguísticos da mudança. Gauchat analisou a diversidade fonética entre três gerações de falantes do francês suíço na aldeia de Charmey e concluiu que ali se verificava uma mudança em progresso, com destaque para o papel das mulheres na promoção da mudança. Em vários casos de variabilidade desse dialeto, por exemplo, na palatalização de [ʃ] → [j], o autor verificou que as mulheres usavam mais as formas linguísticas inovadoras do que os homens.

Segundo Labov (2008, p. 346), comportamento semelhante pode ser verificado na evolução do inglês da cidade de Nova York, onde o padrão de diferença entre os sexos seria ainda mais notável. O autor cita, por exemplo, o estudo do alçamento do [a] tenso breve [eh], variação que, dentre outras, mostra que as mulheres usam as formas mais avançadas em sua própria fala informal e se corrigem mais nitidamente no outro extremo da fala monitorada. Também em seu estudo de 1966, sobre a pronúncia retroflexa do [r] no inglês de Nova York, Labov constatou que a forma inovadora e de maior prestígio era mais frequente na fala das mulheres do que na fala dos homens.

Paiva (2004), considerando a correlação entre a variação linguística e o fator gênero/sexo, cita o estudo de Fischer, de 1958, intitulado *Influências sociais na escolha de variantes lingüísticas*, como uma das principais referências. Em sua análise da pronúncia do sufixo inglês *-ing*, formador de gerúndio, Fischer verificou que a pronúncia velar, forma prestigiada, era mais frequente entre as mulheres, ou seja, aqui também a forma de maior valorização social predominava na fala feminina.

No entanto, apesar de muitas pesquisas mostrarem a liderança das mulheres nos processos de mudança linguística, Labov (2008, p. 347) diz que “seria um grave erro formular o princípio geral de que as mulheres sempre lideram o curso da mudança lingüística.” O autor cita a pesquisa de Trudgill (1971) em Norwich (Inglaterra), onde as mulheres são mais influenciadas pelas formas padrão do que os homens, mas são os homens

que estão na dianteira no uso de novas formas vernáculas na fala informal. Assim, para Labov (2008, p. 348): “A generalização correta, então, não é a de que as mulheres lideram a mudança lingüística, mas sim que a diferenciação sexual da fala freqüentemente desempenha um papel importante no mecanismo da evolução lingüística.”

Em se tratando do português brasileiro, especialmente da variação no nível fonológico, Paiva (2004) cita resultados da pesquisa de Mollica, Paiva e Pinto (1989). Essas autoras analisaram a supressão da vibrante nos grupos consonantais (*problema/pobrema*) na variedade carioca, e seus resultados mostraram que as mulheres usam mais a forma padrão (.57), sem a supressão da vibrante, do que os homens (.45).

O estudo de Scherre (1998), sobre a concordância entre os elementos do sintagma nominal, pode exemplificar a correlação entre sexo/gênero e uma variável morfossintática. Os resultados dessa autora mostram que o sexo feminino favorece a presença de marca de plural (.58), variante mais prestigiada, e que apresenta uma menor probabilidade de uso entre os falantes do sexo masculino (.42).

Assim, os resultados do fator sexo/gênero, obtidos a partir de diversos estudos realizados no Brasil ou em outros países, têm mostrado que, geralmente, esse fator apresenta um padrão bastante regular, com uma maior preferência do sexo feminino pelas variantes de prestígio. No entanto, como já havia remarcado Labov (2008), Paiva (2004) também diz que os resultados em relação à mudança lingüística e ao papel da variável sexo/gênero, obtidos a partir do estudo de vários fenômenos, ainda não podem ser tomados como conclusivos. A autora destaca a importância de se considerar o valor social das variantes:

No estudo da correlação entre gênero/sexo e mudança lingüística, um aspecto a considerar é o valor social da variante inovadora. Um processo de mudança pode ser a instalação de uma forma prestigiada socialmente ou de uma forma estigmatizada, que infringe padrões lingüísticos vigentes. A distinção entre esses dois tipos de mudança permite definir com maior clareza o papel da variável gênero/sexo nos processos de mudança. Quando se trata de implementar na língua uma forma socialmente prestigiada, como no caso da pronúncia

retroflexa em Nova York citado acima, as mulheres tendem a assumir a liderança da mudança. Ao contrário, quando se trata de implementar uma forma socialmente desprestigiada, as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a liderança do processo. (PAIVA, 2004, p. 36)

No entanto, nem sempre essa liderança das mulheres rumo às formas de prestígio e dos homens rumo às formas não prestigiadas se estabelece, pois em muitos processos de mudança não se pode estabelecer com clareza essa polarização entre as variantes. Um exemplo típico seria a alternância *nós/a gente*, pois, segundo Paiva (2004, p. 36), nesse caso: “É difícil afirmar que se trata de um processo em direção a uma forma padrão ou não-padrão, dado que as duas variantes não se sujeitam a uma avaliação social explícita ou à exclusão normativa.”

Outro aspecto a considerar, e que também é destacado por Paiva (2004) como fundamental no estudo linguístico, é a análise da correlação dos fatores, que pode nos fornecer resultados bem mais precisos e detalhados do que a análise de um determinado fator tomado isoladamente. Por exemplo, se os resultados gerais apontam as mulheres como favorecedoras de determinada variante, seria possível afirmar, somente a partir desses resultados, que as mulheres (de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade) apresentam um mesmo comportamento linguístico? Em relação a essa correlação de fatores, a autora ressalta:

O padrão de comportamento da variável gênero/sexo destacado na seção anterior procede de uma generalização que não corresponde inteiramente à realidade, pois está baseado em análises dessa variável isoladamente. Do cruzamento entre a variável gênero/sexo com outras variáveis independentes como classe social, idade, ou com a variável estilo de fala, podem emergir padrões de correlação diferenciados, que apontam a relatividade das correlações entre uso de variantes linguísticas e o gênero/sexo dos falantes. (PAIVA, 2004, p.37)

Silva e Paiva (1998), analisando a correlação sexo e faixa etária em vários fenômenos linguísticos do português (concordância nominal,



possessivos seu/dele, pronomes nós/a gente etc.), já haviam constatado que, para a maioria dos fenômenos estudados, havia maior relevância da variável sexo nos dados dos falantes das duas faixas etárias mais velhas (26-49 anos e 50-71 anos) do que naqueles dos mais jovens. Na faixa de 15-25 anos, as autoras afirmam que “chega-se até a perceber total indistinção no comportamento linguístico dos homens e das mulheres.” (SILVA; PAIVA, 1998, p. 369).

Assim, neste texto, além de analisarmos a influência do sexo/gênero no uso de *tu/você* em localidades da região Sul, procuramos verificar também se, na amostra de Concórdia-SC, as modificações nas relações homem/mulher se refletem na linguagem, ou seja, se há uma aproximação do desempenho linguístico dos dois sexos na faixa etária mais jovem.

## **2 A Influência da Variável Sexo/Gênero no Uso dos Pronomes *Tu/Você***

A partir da análise da variação *tu/você* em diferentes localidades do Brasil, pode-se observar que a influência do fator sexo/gênero apresenta resultados bastante diferenciados. Scherre e Yacovenco (2011), com o intuito de discutir o paradoxo do sexo/gênero, retomam pesquisas realizadas em algumas regiões do Brasil. Essas pesquisadoras buscam explicações para o comportamento diversificado das mulheres com relação a um mesmo fenômeno variável. A partir das pesquisas retomadas, constatam que o efeito do sexo/gênero se mostra de forma bastante claro na alternância entre os pronomes *tu* e *você*, destacando-se o duplo papel das mulheres: “ora as mulheres usam mais o pronome TU do que os homens; ora as mulheres usam menos o pronome TU do que os homens.” (SCHERRE; YACOVENCO, 2011, p. 125).

Na região Sul, os resultados gerais de Menon e Loregian-Penkall (2002) e Loregian-Penkall (2004) mostraram a liderança das mulheres no uso de *tu*, já os homens favorecem o uso do pronome inovador *você*. Scherre e Yacovenco (2011) destacam que as mulheres também tendem a usar mais o pronome *tu* do que os homens no interior do estado da Bahia (Nordeste) e no interior do estado da Amazônia (Norte), conforme evidenciaram as pesquisas de Oliveira (2007) e Martins (2010), respectivamente.

Já nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, as pesquisas de Paredes Silva (2003) e de Lopes et al. (2009), para o Rio de Janeiro, e as de Lucca (2005), Dias (2007) e Andrade, C. (2010) para o Distrito Federal, revelam comportamento contrário, ou seja, as mulheres tendem a usar sistematicamente menos o pronome *tu* do que os homens.

Paredes Silva (2003) salienta que, na perspectiva dos estudos sociolinguísticos, os homens têm se mostrado na vanguarda da mudança na direção de formas não padrão, como é o caso da variação em estudo no Rio de Janeiro, onde a forma inovadora *tu*, com verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, segundo a autora, provoca forte estigma social pela falta de concordância verbal.

Cabe ressaltar aqui que os estudos sobre a gramaticalização de *você* mostram que, a partir dos anos 30 do século XX, o pronome *você* provavelmente já representava a principal estratégia de referência ao interlocutor no Rio de Janeiro, sendo que somente no final do século foi verificado um retorno ao uso do pronome *tu*, e com a forma verbal *não marcada* (cf. LOPES; DUARTE, 2003; MACHADO, 2008). Já em Brasília, o pronome *tu*, ao contrário do que ocorreu no Rio de Janeiro, não fazia parte do sistema linguístico em 1992 (ANDRADE, A., 2004), e somente agora começa a se tornar parte do sistema linguístico local, que apresenta uma expansão dos usos de *tu* nas faixas etárias mais jovens (cf. DIAS, 2007).

Após analisar o uso dos pronomes *tu/você* em diferentes localidades, Scherre e Yacovenco (2011) observam que a variação dos pronomes de 2.<sup>a</sup> pessoa no português brasileiro apresenta características diversas, a depender da comunidade analisada. Em relação à influência da variável sexo/gênero no uso dos pronomes *tu/você*, as autoras concluem:

Em suma: associamos o uso *mais* frequente de TU *por parte das mulheres* (caso das localidades das regiões Sul, Nordeste e Norte), quando esse pronome for um traço mais geral ou de fácil registro e marcar a identidade geográfica dos falantes. Por outro lado, associamos o uso *menos* frequente de TU *por parte das mulheres* (caso das regiões Sudeste e Centro-Oeste), quando esse pronome for um traço menos geral ou de difícil registro e não marcar a identidade geográfica dos falantes, mas, sim, essencialmente, interação solidária ou de maior proximidade

entre os falantes (logo, os homens estão à frente, quando esse pronome for um traço mais específico, marcando relações solidárias entre grupos mais coesos). (SCHERRE; YACOVENCO, 2011, p. 135).

Assim, o predomínio no uso do *tu* pelas mulheres da região Sul e Norte/Nordeste estaria relacionado ao fato desse pronome ser de uso mais geral e caracterizado como um índice de identidade geográfica. Já o predomínio no uso do *tu* na fala dos homens nas regiões Sudeste e Centro-Oeste estaria relacionado, principalmente, ao fato desse pronome marcar uma interação solidária ou de maior proximidade entre os falantes. Neste último caso, o pronome *tu* é um traço menos geral e não marca a identidade geográfica dos falantes.

No entanto, além dessas diferentes características atribuídas aos pronomes, a depender da região/localidade, acreditamos que o comportamento linguístico de homens e mulheres poderá também apresentar diferenças significativas ao correlacionarmos, por exemplo, o sexo/gênero com a faixa etária e com o nível de escolaridade dos falantes.

### **3 Análise dos Dados**

Na análise da alternância *tu/você* efetuada por Loregian-Penkal (2004), a variável sexo/gênero foi selecionada como estatisticamente relevante em todas as cidades de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul analisadas. O Quadro 1, a seguir, retrata os resultados obtidos pela autora:

Nota-se, no Quadro 1, a liderança das mulheres no tocante ao maior uso de *tu* em todas as localidades analisadas, com pesos relativos de 0,74 nas capitais e de 0,67/0,61 no interior do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, respectivamente.

A visualização do comportamento de homens e mulheres em relação ao uso de *tu/você*, por localidade analisada, fica mais evidente nos cruzamentos apresentados nos Quadros 2 e 3.

**Quadro 1** – Uso de *tu* por sexo/gênero em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul

sexo/gênero	Apl./Total	%	P.R.
<b>Rodada com Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha</b>			
Masculino	663/881	75%	0,20
Feminino	1131/1167	96%	0,74
Total	1794/2048	87%	
<b>Rodada com Flores da Cunha, Panambi e São Borja</b>			
Masculino	574/739	78%	0,23
Feminino	1138/1213	96%	0,67
Total	1712/1952	88%	
<b>Rodada com Chapecó, Blumenau e Lages</b>			
Masculino	231/1315	18%	0,42
Feminino	353/919	38%	0,61
Total	584/2234	26%	

Fonte: Adaptação da Tabela 10 de Loregian-Penkall (2004, p. 135).

**Quadro 2** – Cruzamento de sexo/gênero e localidades de SC

Sexo		Florianópolis		Ribeirão		Chapecó		Blumenau		Lages		Concórdia	
Masc.	Tu	204	59%	185	96%	112	41%	44	14%	75	10%	227	50%
	Você	140	41%	8	4%	160	59%	275	86%	649	90%	231	50%
	Total	344		193		272		319		724		458	
Fem.	Tu	387	91%	262	97%	145	59%	90	53%	115	23%	285	61%
	Você	36	9%	7	3%	102	41%	81	47%	386	77%	183	39%
	Total	426		269		247		171		501		468	
Total	Tu	591		447		257		134		190		512	
	Você	176		15		262		356		1035		414	

Veja-se que, à exceção de Blumenau e Lages, o pronome *tu* é mais recorrente que o *você* na fala dos informantes analisados. Se compararmos os homens às mulheres da amostra, nas seis localidades de Santa Catarina analisadas as mulheres utilizam mais o pronome *tu* que os homens.

No Rio Grande do Sul temos o panorama apresentado no Quadro 3, em que efetuamos o cruzamento das variáveis sociais sexo/gênero e localidade.

**Quadro 3** – Cruzamento de sexo/gênero e localidades do RS

Sexo		Porto Alegre	Flores da Cunha	Panamby	São Borja
<b>Masc.</b>	Tu	274 80%	205 68%	170 79%	499 89%
	Você	70 20%	95 32%	45 21%	25 11%
	Total	294	300	215	224
<b>Fem.</b>	Tu	472 99%	466 96%	227 90%	479 99%
	Você	3 1%	18 4%	25 10%	7 1%
	Total	475	484	252	477
<b>Total</b>	Tu	746	671	397	678
	Você	73	113	70	32

O cruzamento de dados aponta que as cidades do Rio Grande do Sul apresentaram uso mais consistente do pronome *tu* que as de Santa Catarina. Em relação à variável sexo/gênero, nota-se a mesma tendência já registrada no estado vizinho: as mulheres estão à frente dos homens no tocante ao uso do pronome *tu*.

O uso do pronome *tu* na região Sul, conforme já destacado, marca a identidade geográfica dos falantes e é um uso mais geral, se comparado ao realizado nas regiões Sudeste e Centro-Oeste. Assim, observa-se que tanto nas localidades analisadas por Loregian-Penkall (2004), assim como em Concórdia (FRANCESCHINI, 2011), o uso do pronome canônico *tu* predomina principalmente no sexo/gênero feminino.

Na amostra de Concórdia, considerando todas as ocorrências dos pronomes *tu* e *voce* na posição de sujeito, Franceschini (2011) obteve, de um total de 926 ocorrências, 512 (55%) ocorrências de *tu* e 414 de *voce* (45%). Esse resultado parece indicar que o uso do pronome *tu* se mantém e ainda predomina entre os falantes dessa cidade.

A fim de analisarmos a variável *sexo/gênero*, apresentamos os resultados obtidos na rodada geral para esta variável:

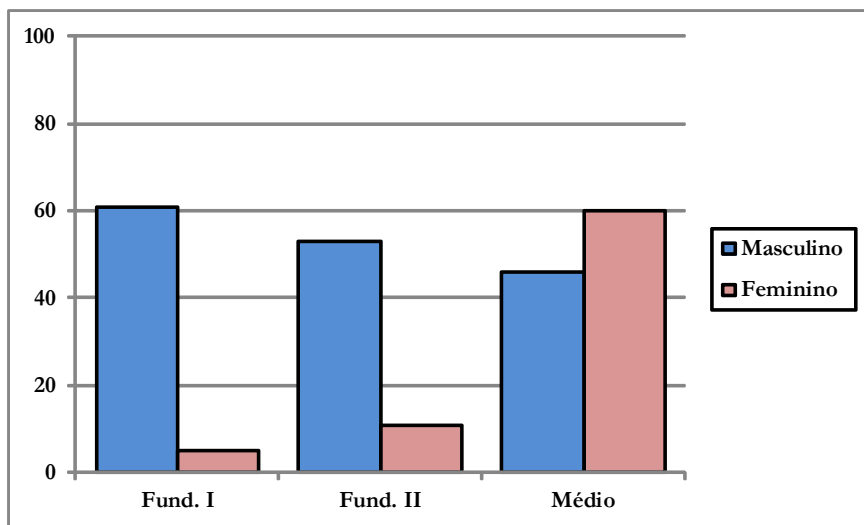
**Quadro 4** – Resultados do uso de *tu/voce* em Concórdia-SC na posição de sujeito: *sexo/gênero*

Grupo de Fatores	TU			VOCE		
	Apl/N	%	P.R.	Apl/N	%	P.R.
<b>3) Sexo</b>						
– feminino	285/468	61	.56	183/468	39	.44
– masculino	227/458	50	.44	231/458	50	.56
<b>TOTAL</b>	512/926	55		414/926	45	

Os resultados em peso relativo mostram o sexo/gênero feminino favorecendo o uso do pronome *tu* (.56) na mesma proporção em que o sexo/gênero masculino favorece o *voce* (.56).

Isso indica que o sexo/gênero masculino está impulsionando a mudança, pois são os homens que favorecem o uso do pronome inovador, já as mulheres mostram-se mais conservadoras, favorecendo a manutenção do pronome canônico *tu* na comunidade.

A fim de melhor compreendermos o uso dos pronomes na comunidade, e buscando verificar a correlação entre os diferentes fatores sociais, efetuamos o cruzamento do sexo/gênero com a escolaridade dos falantes da amostra de Concórdia. Os resultados do cruzamento dessas variáveis encontram-se no Gráfico 1:



**Gráfico 1 –** Frequência de uso de *você*: sexo/gênero x escolaridade em Concórdia-SC

Uma grande diferença de uso dos pronomes *tu/você* pode ser observada quando efetuamos o cruzamento do sexo/gênero com a escolaridade dos falantes. As mulheres com nível de escolaridade fundamental I e II apresentam um uso bastante reduzido do pronome *você* (5% e 11%, respectivamente) e um elevado uso de *tu* (95% e 89%, respectivamente); já as mulheres com ensino médio fazem um maior uso de *você* (60%). Ao contrário, no sexo/gênero masculino, o pronome *você* apresenta uma frequência de uso mais elevada nos níveis fundamental I e II (61% e 53%, respectivamente); já entre os falantes com nível médio há um leve predomínio do pronome *tu* (54%).

A partir desse cruzamento entre as variáveis sexo/gênero e escolaridade podemos observar um comportamento linguístico bastante diferenciado entre homens e mulheres, ou melhor, uma inversão nos resultados relativos ao uso dos pronomes *tu* e *você* de acordo com o nível de escolaridade e sexo/gênero dos informantes. No nível fundamental I e II, o sexo/gênero feminino apresenta um maior uso de *tu* e o sexo/gênero masculino de *você*, e, ao contrário, no nível médio são as mulheres que mais usam o pronome inovador *você*, enquanto os homens fazem um maior uso do pronome *tu*.

Apesar de os homens apresentarem diferenças de uso, dependendo do nível de escolaridade, nota-se que essas diferenças não são tão significativas (uso de *você*: Fundamental I – 61%; Fundamental II – 53%; Ensino Médio – 46%), quanto àquelas que verificamos na fala das mulheres. A escolaridade parece interferir, portanto, principalmente no comportamento linguístico do sexo feminino (uso do *você*: Fundamental I – 5%; Fundamental II – 11%; Ensino Médio – 60%). Cabe lembrar que os resultados da rodada geral dos pronomes *tu/você* no VARBRUL, em pesos relativos, e que consideram conjuntamente a fala de homens e mulheres, também apontam os falantes de maior escolaridade, o ensino médio, como favorecedores do pronome inovador *você*.

Assim, além dos resultados gerais de cada fator, para uma melhor compreensão dos usos linguísticos de homens e mulheres, parece fundamental correlacionar o fator sexo/gênero com outros, como, por exemplo, escolaridade, faixa etária, mercado ocupacional, rede de relações sociais etc. Embora não seja possível, a partir da análise das entrevistas, considerarmos todos os fatores que poderiam mostrar-se significativos para explicar a diferença de uso dos pronomes entre os sexos, pode-se pensar na profissão ou mercado ocupacional dos falantes, provavelmente relacionado ao grau de escolaridade, como um fator de possível influência nesse uso. Sabe-se que os pronomes *tu/você* em algumas regiões, e também em Concórdia, são usados, principalmente, em determinadas situações: o *tu* em situações mais informais, com pessoas próximas: familiares, parentes, amigos; e o *você*, em situações mais formais, em relações com pessoas não muito próximas ou com desconhecidos, conforme se pode observar no discurso de nossos informantes:

(1) É, eu acho que o ‘você’ fica uma coisa assim, ó mais... que tu consegue tratá mais todo mundo, e o ‘tu’, mais restrita. (...) É, é, que dá pra você tratá com todo mundo, e o ‘tu’ às vezes é uma coisa que talvez não– em alguns casos não– não me soa bem. Não sei porque, mas não me soa bem, eu não consigo ter uma explicação... (MS1r)<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> As siglas nos exemplos correspondem à descrição dos informantes: *sexo* (M – Masculino; F – Feminino); *escolaridade* (P – Fundamental I; G – Fundamental II; S – Ensino Médio); *faixa etária*: (1 – 26 a 45 anos; 2 – 50 anos ou mais). As letras *a*–*z* identificam o informante.



(2) Você vai chamá uma pessoa, eu— eu não te conheço e coisa, você não é da família, eu não te chamo de ‘tu’, eu chamo sempre ‘você’, as outras pessoas, né? Aí em casa, no caso, né? co meu piá, né? ‘tu’, ‘tu fiz isso’, ‘tu fiz aquilo’, né? eu não digo ‘você fiz aquilo’. Então aqui em casa, no caso, eu, a mulher e o piá, é ‘tu’, e a mãe no caso, é ‘mãe’.  
(MP1p)

O exemplo (1), produzido por um falante com ensino médio e da faixa etária mais jovem, ilustra a opinião de vários dos informantes de nossa amostra: o *tu* é de uso mais restrito, e o *você* mais geral (*dá pra você tratá com todo mundo*). No exemplo (2), o informante, com nível fundamental I e da faixa etária mais jovem, expressa, de uma maneira mais detalhada, o uso que normalmente observamos entre os falantes da cidade, ou seja: o *tu* (íntimo) é usado com pessoas próximas, familiares, amigos; e o *você* (não íntimo) com desconhecidos ou não próximos. Esse uso dos pronomes *tu* e *você*, relacionado à maior ou menor proximidade com o interlocutor, ocorre em várias localidades do Sul do Brasil, conforme já observado nos trabalhos de Ramos (1989), Menon e Loregian-Penkal (2002) e Loregian-Penkal (2004).

Assim sendo, se o círculo de relações do falante se restringe principalmente aos familiares e próximos, a tendência será de o falante utilizar principalmente o pronome *tu*; já se sua convivência com outras pessoas for mais ampla, com uma rede de relações mais diversificada, possivelmente o pronome *você* será empregado com maior frequência.

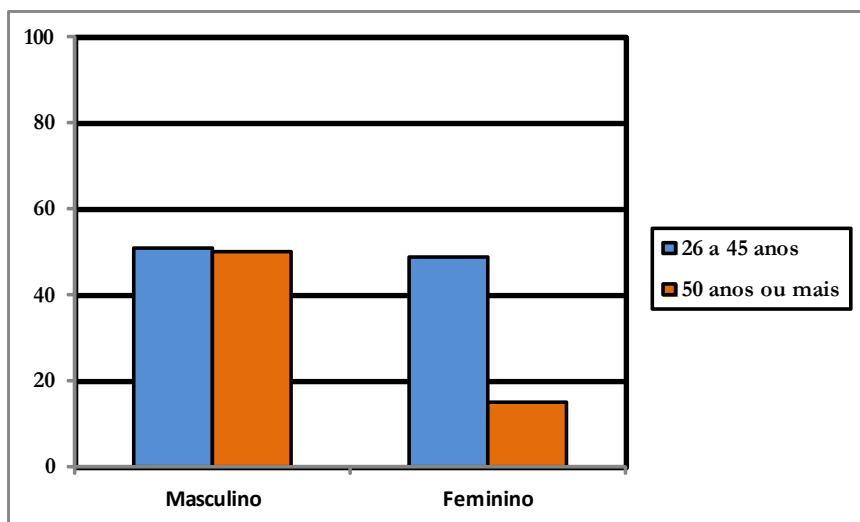
A fim de verificarmos essa hipótese, analisamos também a profissão dos informantes de Concórdia, já que esta pode nos dar alguns indícios das possíveis relações sociais que ocorrem no cotidiano dos homens e das mulheres dessa amostra. Quanto aos homens, eles têm profissões que implicam em relações sociais mais diversificadas e com variadas pessoas, pois são comerciantes, motoristas, vendedores e funcionário público. Essas profissões, provavelmente, propiciam aos homens um maior contato com pessoas que não fazem parte de seu círculo íntimo e familiar, o que os levaria, então, a um maior uso do pronome mais formal e menos íntimo *você*.

Já em relação às mulheres da amostra de Concórdia, o que se verificou é que menos da metade das entrevistadas trabalham em ambientes que propiciam maior contato com outras pessoas (vendedoras, operárias e

funcionária pública), as demais são donas de casa e empregadas domésticas. Isso indica que a maior parte das mulheres (60%) tem um contato mais restrito que os homens com o exterior, o que as levaria a um maior uso do pronome mais íntimo, e explicaria, parcialmente, o predomínio do uso do *tu* no sexo/gênero feminino. Essa análise é corroborada pelo resultado obtido do cruzamento que efetuamos das variáveis sociais sexo/gênero e escolaridade, que mostrou que as mulheres com nível fundamental I e II são as que mais empregam o *tu*; e essas mulheres são justamente as donas de casa ou empregadas domésticas de nossa amostra e têm, portanto, uma relação mais restrita com o mundo exterior. Já as mulheres com ensino médio e mais jovens apresentaram um maior uso de *você*, comportamento semelhante ao dos homens, e, assim como os homens, são aquelas que têm um maior círculo de relações sociais, já que trabalham fora de casa. A rede de relações sociais, aqui relacionada à profissão/mercado ocupacional dos entrevistados, parece se mostrar, portanto, um fator significativo na determinação dos usos de *tu/você* em nossa amostra.

Ainda procurando melhor especificar o uso dos pronomes *tu* e *você* nos dados de Concórdia, efetuamos também o cruzamento das variáveis sexo/gênero e faixa etária. O objetivo aqui é observar se o comportamento linguístico no sexo/gênero masculino e feminino apresenta similaridades ou não quando relacionado à faixa etária dos falantes. Os resultados desse cruzamento podem ser observados no Gráfico 2.

Verifica-se, no Gráfico 2, que os homens das duas faixas etárias usam os pronomes *tu* e *você* praticamente na mesma proporção, ou seja, os resultados em percentagens indicam o mesmo uso de *você* nas duas faixas etárias (51% e 50%, respectivamente). Quanto às mulheres, observa-se um comportamento linguístico bastante diferenciado nas duas faixas etárias, o uso do pronome *tu* predomina entre as mais velhas, que apresentam 85% de ocorrências desse pronome, ou seja, na fala das mulheres da segunda faixa etária obtivemos somente 15% de ocorrências do pronome inovador *você*; já as mais jovens, assim como os homens das duas faixas etárias, apresentam um uso aproximado de *tu* e *você* (51% e 49%, respectivamente).



**Gráfico 2** – Frequência de uso de *você*: sexo/gênero x faixa etária em Concórdia-C

Esses resultados corroboram a afirmação de que as transformações na organização social podem contribuir para a neutralização do efeito da variável sexo/gênero nas faixas etárias mais jovens da população. Segundo Paiva (2004, p. 41-42):

A aproximação do comportamento lingüístico de falantes mais jovens pode ser um reflexo de que, nessa faixa etária, reconfigura-se a atuação do homem e da mulher na sociedade, com diluição das fronteiras entre papéis femininos e masculinos. Trabalho, lazer, atividades domésticas são compartilhados de uma forma que desfaz os estereótipos inerentes aos papéis masculino e feminino na sociedade. Essas modificações, assim como se manifestam em outras práticas sociais, podem se refletir no uso lingüístico, seja alterando os padrões de correlação estatística, seja anulando o efeito da variável.

Assim, a partir das análises realizadas nos dados de Concórdia, verificamos que o comportamento lingüístico das mulheres mais jovens

aproxima-se daquele dos homens; já o comportamento das mulheres mais velhas mostra-se bastante diferenciado, tanto em relação ao das mulheres mais jovens, quanto em relação àquele dos homens. E, considerando também os resultados obtidos no cruzamento das variáveis sexo/gênero e escolaridade, podemos acrescentar que são principalmente as mulheres da segunda faixa etária e com escolaridade mais baixa (fundamental I e II) que propiciam a manutenção do *tu* na fala da comunidade.

Esse predomínio do pronome conservador *tu* entre as mulheres mais velhas e menos escolarizadas pode ser parcialmente explicado pelas relações sociais desse grupo; pois, conforme já discutido, as mulheres mais velhas e com menor escolaridade são donas de casa, ou seja, o círculo de relações dessas mulheres se restringe principalmente aos familiares e próximos, o que as levaria a um maior uso do pronome mais íntimo e familiar *tu*. Podemos observar aqui que a diferença entre os sexos, ou mais especificadamente, entre os tradicionais papéis do homem e da mulher, se mantém nesse grupo, pois é o homem quem trabalha fora e é o provedor da família; já a mulher se ocupa principalmente da casa e da educação dos filhos.

Quanto ao pronome inovador *você*, verifica-se seu predomínio principalmente na fala de informantes do sexo/gênero masculino e de mulheres com ensino médio e mais jovens. Essas mulheres apresentaram um comportamento linguístico semelhante ao dos homens e, assim como os homens, elas têm mais relações com o mundo exterior, pois o trabalho lhes proporciona maior contato com pessoas que não fazem parte de seu círculo familiar. Nesse caso a fronteira entre os sexos se atenua ou desfaz, pois homens e mulheres estabelecem, provavelmente, uma rede de relações sociais mais ampla. E essa rede de relações parece se mostrar um fator significativo na determinação dos usos de *tu/você* em nossa amostra.

Portanto, a partir da correlação entre as variáveis sociais analisadas, verificamos uma neutralização do efeito da variável sexo/gênero entre os falantes mais jovens e mais escolarizados da amostra de Concórdia. Esses grupos apresentam um comportamento linguístico similar, com uma provável diluição das fronteiras entre papéis masculinos e femininos na comunidade de fala analisada.

## Considerações Finais

Os resultados da variação pronominal *tu/você* nas cidades da região Sul analisadas por Franceschini (2011) e Loregian-Penkak (2004) apontaram as mulheres como favorecedoras do pronome conservador *tu* em todas as localidades. Já os homens, também em todas as localidades do Sul analisadas, favoreceram o uso do pronome inovador *você*, impulsionado a mudança.

No entanto, a influência do sexo/gênero no uso dos pronomes *tu/você* não acontece isoladamente, pois o nível de escolaridade e a faixa etária dos falantes, que parecem estar relacionados com sua profissão e rede de relações sociais, também exercem uma considerável influência em sua fala.

Assim, como já destacado, além de marcar a identidade geográfica, o pronome *tu* na região Sul é usado principalmente com pessoas mais íntimas: familiares, amigos próximos, jovens, marcando uma menor formalidade entre os falantes. Dessa forma, se a condição social ou profissional do falante lhe propiciar pouco contato com outras pessoas, além dos familiares e próximos, provavelmente o pronome conservador e mais íntimo *tu* vai predominar em sua fala, conforme o que verificamos na fala das mulheres da amostra de Concórdia-SC. Essa hipótese foi reforçada pelos resultados do cruzamento das variáveis sexo/gênero, escolaridade e faixa etária no CROSSTAB, uma vez que estes indicaram que o uso do pronome conservador *tu* predomina na fala das mulheres de baixa escolaridade e da segunda faixa etária, em sua maioria donas de casa. Já entre as mulheres mais escolarizadas e mais jovens, que assim como os homens trabalham fora de casa, predomina o uso do pronome inovador *você*.

Portanto, a partir dessa análise do uso dos pronomes *tu/você* pode-se constatar que, a princípio, como mostram os resultados gerais de todas as localidades da região Sul analisadas, as mulheres favorecem o uso do pronome conservador *tu*; no entanto, quando analisamos esse uso considerando as diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade, conforme realizado na amostra de Concórdia, verificamos que o pronome conservador predomina somente na fala das mulheres da faixa etária mais velha e daquelas com menor escolaridade; já na fala das mulheres mais jovens e mais escolarizadas temos um maior uso do pronome inovador *você*, ou seja, um comportamento linguístico similar ao verificado na fala dos homens.

Daí a importância de considerarmos a correlação dos fatores, pois uma análise baseada somente nos resultados gerais, que nos dados de Concórdia indicam as mulheres favorecendo o pronome conservador *tu*, não nos permitiria constatar o comportamento linguístico significativamente diferenciado na fala das mulheres e, tampouco, a neutralização dos efeitos da variável sexo/gênero entre os mais jovens.

## Referências

ANDRADE, A. L. V. S. de. *A variação você, cê, ocê no português brasileiro falado*. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília.

ANDRADE, C. Q. “*Tu e mais quantos?*” – a segunda pessoa na fala brasiliense. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DIAS, E. P. *O uso do tu no português brasiliense falado*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília.

FRANCESCHINI, L. T. *Variação pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia, SC*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

FRANCESCHINI, L. T.; LOREGIAN-PENKAL, L. *Crenças e atitudes linguísticas em relação ao uso de tu/você em Santa Catarina*. Trabalho em preparo.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução M. Bagno; M. Scherre; C. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LOPES, C. R. et al. Quem está do outro lado do túnel? Tu ou você na cena urbana carioca. *Neue Romania*, v. 39, p. 49-66, 2009.

LOPES, C. R.; DUARTE, M. E. L. De Vossa Mercê a você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas

setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (Orgs.). *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. Rio de Janeiro, 2003. v. I, p. 61-76.

LOREGIAN, L. *Concordância verbal com o pronome tu no sul do Brasil*. 1996. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

LOREGIAN-PENKAL, L. *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região Sul*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

LUCCA, N. N. G. *A variação tu/você na fala brasiliense*. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília.

MACHADO, A. C. M. A implementação de você no quadro pronominal do português brasileiro. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 23-47, 2008.

MARTINS, G. F. *A alternância tu/você/senhor no município de Tefé – Estado do Amazonas*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília.

MENON, O. P. O sistema pronominal do português do Brasil. *Letras*, Curitiba, p. 91-106, 1995.

MENON, O. P. Pronome de segunda pessoa no Sul do Brasil: tu/você/ o senhor em Vinhas da Ira. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 121-163, 2000.

MENON, O. P.; LOREGIAN-PENKAL, L. Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no sul do Brasil. In: VANDRESEN, P. (Org.). *Variação e mudança no português falado da região sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 147-188.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

OLIVEIRA, L. A. F. de. *Tu e você no português popular do Estado da Bahia*. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DA UFBA, 7., 2007, Salvador. Comunicação oral.

PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 33-42.

PAREDES SILVA, V. L. O retorno do pronome tu à fala carioca. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). *Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras; FAPERJ, 2003. p. 160-169. v. 1.

PINTZUK, S. *Varbrul programa*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988.

RAMOS, J. O uso das formas você, ocê e cê no dialeto mineiro. In: HORA, D. da (Org.). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 43-60.

RAMOS, M. P. B. *Formas de tratamento no falar de Florianópolis*. 1989. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SCHERRE, M. M. P. Sobre a influência de variáveis sociais na concordância nominal. In: SILVA, G. M. O.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. p. 239-264.

SCHERRE, M. M. P.; YACOVENCO, L. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. *Revista da ABRALIN*, n. esp., p. 121-146, 2011. 1ª parte. vol. eletrônico.

SILVA, G. M. O.; PAIVA, M. da C. A. de. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: SILVA, G. M. O.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.) *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 1998. p. 335-378.

Recebido em: 07/11/2014

Accito: 03/04/2015